

doutor Bruno vio-se pouco a pouco decrescer na luta com a de outro collega novo que se começou a pôr em evidencia. E tinha sido o bom doutor quem havia feito crear um novo partido municipal para ser provido n'elle um maroto, que o ia vencendo, menos pelo saber do que pela trica eleitoral — em que parecia ter-se principalmente doutorado.

O que mais desesperava o doutor Bruno era o collega fazer carreira nos trivios sinuosos da politica, sem esmagar, como elle, os seus interesses clinicos no gral exigentissimo das eleições. Porque o patife ganhava dinheiro ás mãos largas, estadiava uma representação, que seria a inveja d'um principio, e a sua pratica longa d'essas coisas não lhe deixava ver o como, n'esta corrupção geral da urna, um — *parvenu* — qualquer podia impor-se ao eleitor indigena sem concorrer para os regabofes do bacalhão afogado em vinhos palhetes do termo. O facto, porém, punha-lhe na alma toda a abominação que se sente por um rival que nos esmaga na sua superioridade. E varios conflictos se haviam dado entre elles mesmo no exercicio das suas funcções medicas, chegando, por delibérado proposito, a discordarem na applicação d'um medicamento mais trivial em therapeutica — com o que a humanidade enferma era, por vezes, sacrificada.

A hostilidade havia-os, portanto, collocado em em frente do outro, tanto nas relações pessoasas como no campo largo da sciencia: o doutor Bruno, porque o collega era allopatha, começou a empregar a homeopathia, systema que sempre condemnára. Tal era a tenção vibrante do seu odio.

Um dia, porém, devido a um d'estes acontecimentos que o genio do accaso prepara, os dous rivaes faziam viagem no mesmo compartimento de primeira classe. Era de verão. Viajava muita gente, e o doutor Bruno, que percorrêra todas as carruagens, teve por fim de aceitar aquella por ser a mais vasia, e de sujeitar o seu espirito caturra ás leis da impenetrabilidade. Tudo o que pode fazer foi collocar-se n'uma das extremidades, encoberto com a familia que levava a Lisboa em villegiatura de recreio. Porém dentro abafava-se; o sol cahia a prumo sobre a tolda do carro e o ar ambiente tinha o tom d'um rescaldo vivissimo que vinha bater nas faces enrubescidas dos passageiros. Então um homem de oculos azues muito dispnerico, que ia enterrado nos estofos do *fauteuil*, cansado de agitar a ventarola, pediu licença para abrir uma portinhola, — afim de ver — dizia — si um diabo soprava desse norte algum bocado d'ar mais respiravel. Um filhinho do doutor Bruno, inquieto como todas as crianças, foi para junto do homem, a olhal-o, interessado pelos bronchios do infeliz, que tossia sempre. O rival do doutor Bruno tirou de uma carteira um cigarro inhalante e offereceu-o ao dispnetico. E a criança que queria ver a dádiva do doutor, levantou-se-lhe á altura da mão, mas com tanta imprudencia, que ia a precipitar-se pela portinhola da carroagem quando o doutor o segurou pelo bibe a meia quéda.

O Dr. Bruno não percebeu logo aquella evolução, porque teimava em não olhar para o lado em que ia o seu inimigo: mas como no compartimento se levantasse aquelle ruido que occasionam as catastrophes imprevistas, louvando o salvador da creança, tomou conhecimento do caso e abraçou-se no filho, phreneticamente, quasi a chorar.

Depois voltou se para o collega, e poz-se a olhal-o, hesitante, duvidoso, saccudido entre as commoções do seu amor paternal e o estupor do seu odio infinito, e disse-lhe, affectando serenidade:

— Bem, o senhor fez-me um serviço: salvou a vida de meu filho. Tanto podia fazel-o sobre o leito em que agonisasse d'uma molestia qualquer violenta, como sustendo-o n'uma quéda mortal. O seu officio é curar, porque é medico. Mas a obrigação de quem utiliza os seus serviços clinicos, é pagar-lh'os. E' isso que eu quero fazer: diga quanto lhe devo!

O medico não respondeu á affronta. Voltou-se para o lado, indignado. O espirito dos assistentes applaudiu este ultimo, invectivando o procedimento do Dr. Bruno.

Mas este, estendendo o braço, poudo lançar no bolso do medico, subrepticamente, a sacca com todo o dinheiro que levava.

A odiosidade manifestou-se abertamente, da parte dos que presenceavam aquella scena.

— Que era uma indignidade. — Diziam.

E o medico, que presentira o volume da sacca no bolso do guarda-pó, tirou-a, e lançou-a á cara do Dr. Bruno, silenciosamente, fleugmaticamente, como uma bofetada.

Foi então que o Dr. cahio do alto do seu orgulho impertinente e malcreado, e, fazendo caminho por entre os companheiros de viagem, abraçou o collega offendido n'um largo abraço de gratidão.

Eis como os dous inimigos mais irreconciliaveis se tornaram de então em diante os maiores amigos do mundo.

NUNES D'AZEVEDO.

### Não partas

(VICTOR HUGO)

Eu vivo do ar que respiras;  
E como, dize-me agora,  
Ficar, si tu te retiras,  
Viver, si te vaes embora?

Que me serve ser a sombra  
De um anjo, que surge e passa?  
Ou de um céu, que o lucto assombra,  
A noite pesada e baça?

Eu sou a flor das muralhas,  
De que abril é o só viver;  
Basta que tu me não valhas,  
Que partas, para eu morrer.



Em ver-te puz meu cuidado ;  
Toda a luz de ti me vem ;  
Si ficas, fico a teu lado ;  
Se partes, parto tambem.

Si partes, rói-me a tristeza ;  
E aos céos, — ao ninho, medrosa  
Vôa minha alma — ave presa  
Nos teus dedos côr de rosa.

No tédio negro da ausencia,  
Triste de mim ! que serei ?  
— E' tua ou minha a existencia  
Que se desfaz ? — Não n'ó sei.

Quando me falta a coragem,  
Eu bebo-a no teu affago,  
Bem como a pomba selvagem,  
Nas aguas puras de um lago.

O amor ás almas ensina  
Como o universo é bendito,  
E esta chamma pequenina  
Inunda todo o infinito.

Sem ti, a vida é a morte ;  
O mundo carcer fechado,  
Onde vago á lei da sorte  
Sem amar, sem ser amado.

Morna tristeza funesta  
Tudo desfolha ; meu cilio  
Se enche de sombra ; uma festa  
E uma campá : a patria exilio.

Eu te imploro e te reclamo,  
Oh ! pomba que de minha alma  
Entôas de ramo em ramo  
Hymno que as dôres me calma !

Que desejo me convida,  
Que posso temer ? — emfim,  
Que farei da propria vida,  
Si já nã'stás junto a mim ?

E's tu que levas no vôo,  
Aos céos e aos campos em flor,  
N'uma aza as preces que então  
N'outra meus hymnos de amor.

Aos tristes campos, que vela  
O lucto de intima dôr,  
Que hei de contar ? que da estrella  
Farei ? — que farei da flor ?

Que direi á selva umbrosa ?  
— E á triste flor que amanhan  
Interrogar-me chorosa :  
— Onde se foi minha irman ?

Morrerei ; parte, si o ousas !  
Dias volvidos, porque  
Olhar todas essas cousas,  
Que o seu olhar já não vê ?

E que me importam destino,  
Virtude, e lyra sonora ?  
Sem o teu riso divino,  
Que me importa o rir da aurora ?

Que farei, sem mais desejos,  
Sem ti, sem luz, e sem cantos.  
Sem teus labios, — de meus beijos, ?  
Sem teus olhos, — de meus prantos ?

THEOPHILO DIAS.

### Os theatros

*Lucinda.* — Estreia da companhia Martins, especialmente destinada á representação de peças nacionaes. *O Luxo e Vaidade*, de Joaquim Manoel de Macedo, regularmente desempenhado. Martins, enorme no papel do rhetorico fazendeiro Anasthacio. Em ensaios, o drama em 5 actos *A lei de 28 de Setembro*, em 5 actos e apotheose, original do Sr. capitão Fernando Pinto de Almeida.

*Phenix Dramatica.* — Inauguração dos trabalhos da companhia Montedonio, com a bonita comedia *Os fidalgos da Casa Mourisca*, extrahida do primoroso romance de Julio Diniz. Um successo. As honras da noite cabem ao empresario, que interpreta admiravelmente o papel de Thomé da Pova. Em seguida vem o Gama, que tão apreciado já havia sido na operetta. O estimado actor portuguez tem uma creação no papel de D. Luiz, o velho fidalgo cheio de preconceitos e rabugices. Os demais artistas concorrem para o bom exito da representação, formando um conjuncto muito para ser visto e applaudido. Boa encenação.

*Principe Imperial.* — Reapparição da Pepa, em graciosas e interessantes cançõetas e scenas comicas. Sempre engraçada o diabo da pequena ! Estamos mortos por vel-a fazer parte de alguma companhia. O Souza Bastos decide-se ou não se decide ?

*Sant' Anna.* — Muito concorridos os espectáculos do Heller, que tem andado a passar uma revista geral em todo o repertorio. Prepara-se activamente a zarzuela *Amar sem conhecer*, de Barbieri.

*Recreio Dramatico.* — Ultimos ensaios do *Conde de Monte Christo*.

*S. Pedro de Alcantara.* — Duas representações extraordinarias do *Guarany* pela companhia Hellers. Duas enchentes reaes.

*Pedro II.* — O proprietario, Sr. Bartholomeu Corrêa da Silva, recebeu uma carta do empresario Mauricio Grau, tomando o theatro, a contar de Maio do anno vindouro em diante, para as representações de Sarah Bernhardt. Bravo !

*Gymnasio, S. Luiz e Vaudeville.* — Foram-se !

Typographia da *Distracção*, r. d'Ajuda 31 e r. Gonçalves Dias 40.